

A dimensão do aluno e sua perspectiva sobre a escola: relato de uma prática pedagógica em Paraíso do Sul/RS

Magda Chaves¹

Resumo: O presente artigo analisa um dos principais desafios da educação contemporânea, a crescente falta de entusiasmo dos alunos em relação à aprendizagem. O estudo busca compreender por que, mesmo reconhecendo a importância da escola, muitos alunos do 6º ao 9º ano de uma escola pública de Paraíso do Sul/RS demonstram desmotivação em relação à aprendizagem. A pesquisa fundamenta-se na experiência de 14 anos da autora como professora de Geografia da rede municipal e nas contribuições de autores como Antonio Meneghetti e Tania Zagury. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa por meio de pesquisa-ação e revisão bibliográfica, utilizando um questionário com perguntas abertas a seis estudantes entre 13 a 15 anos. Os resultados revelam que, embora os jovens reconheçam o valor da escola para o futuro de suas vidas, as atividades de estudo são as que menos lhes despertam interesse, evidenciando passividade e uma imprecisão sobre a concretização de seus objetivos de vida. Diante disso, o estudo apresenta e discute práticas pedagógicas autorais e participativas, o projeto do “Aluno Nota 10 em Geografia” e a gincana interdisciplinar “Desafio do Saber” destacando o potencial de ações intencionais no resgate da curiosidade, no fortalecimento do vínculo professor-aluno e autonomia dos alunos. Conclui-se que o enfrentamento dessa crise de sentido da educação para o aluno exige experiências escolares que dialoguem diretamente com o desenvolvimento humano dos jovens e seus interesses.

Palavras-chave: educação; desmotivação escolar; aprendizagem; autonomia estudantil.

The Student Dimension and Their Perspective on School: Report of a Pedagogical Practice in Paraíso do Sul/RS

Abstract: This article analyzes one of the main challenges of contemporary education: the growing lack of enthusiasm among students regarding learning. The study seeks to understand why, even recognizing the importance of school, many students from the 6th to the 9th grade of a public school in Paraíso do Sul/RS demonstrate demotivation toward learning. The research is based on the author's 14 years of experience as a Geography teacher in the municipal school system and on the theoretical contributions of Antonio Meneghetti and Tania Zagury. Methodologically, a qualitative approach is adopted through action research and literature review, using questionnaires with open-ended questions applied to six students aged 13 to 15. The results reveal that, although young people recognize the value of school for their future lives, study activities are the ones that arouse the least interest, evidencing passivity and a lack of clarity regarding the achievement of their life goals. Therefore, the study presents and discusses participatory and authorial pedagogical practices, such as the “Top Student in Geography” project and the interdisciplinary competition “Knowledge Challenge,” highlighting the potential of intentional actions in rescuing curiosity, strengthening the teacher-student relationship, and promoting student autonomy. It is concluded that facing this crisis of meaning in education requires school experiences that directly connect with the human development and interests of young people.

Keywords: education; school demotivation; learning; student autonomy.

¹ Especialista em Metodologia do Ensino de História e Geografia e Licenciada em Geografia pela Universidade Franciscana (UFN) e Bacharelada em Ontopsicologia (AMF). Professora na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF) e na rede municipal de ensino de Paraíso do Sul/RS. E-mail: moachaves@hotmail.com.

La dimensión del alumno y su perspectiva sobre la escuela: relato de una práctica pedagógica en Paraíso do Sul/RS

Resumen: El presente artículo analiza uno de los principales desafíos de la educación contemporánea: la creciente falta de entusiasmo de los alumnos en relación con el aprendizaje. El estudio busca comprender por qué, aun reconociendo la importancia de la escuela, muchos alumnos de 6.º a 9.º año de una escuela pública de Paraíso do Sul/RS demuestran desmotivación con respecto al aprendizaje. La investigación se fundamenta en la experiencia de 14 años de la autora como profesora de Geografía de la red municipal y en las contribuciones de autores como Antonio Meneghetti y Tania Zagury. Metodológicamente, se adopta un enfoque cualitativo mediante investigación-acción y revisión bibliográfica, utilizando un cuestionario con preguntas abiertas aplicado a seis estudiantes de entre 13 y 15 años. Los resultados revelan que, aunque los jóvenes reconocen el valor de la escuela para el futuro de sus vidas, las actividades de estudio son las que menos despiertan su interés, evidenciando pasividad e imprecisión respecto de la concreción de sus objetivos de vida. Ante ello, el estudio presenta y analiza prácticas pedagógicas autorales y participativas, el proyecto “Alumno Nota 10 en Geografía” y la gincana interdisciplinaria “Desafío del Saber”, destacando el potencial de acciones intencionales para rescatar la curiosidad, fortalecer el vínculo entre profesor y alumno y promover la autonomía de los estudiantes. Se concluye que el enfrentamiento de esta crisis de sentido de la educación para el alumno exige experiencias escolares que dialoguen directamente con el desarrollo humano de los jóvenes y con sus intereses.

Palabras clave: educación; desmotivación escolar; aprendizaje; autonomía estudiantil.

1 Introdução

Ao abordar os problemas enfrentados pela educação contemporânea é inevitável reconhecer os inúmeros desafios que a impactam. Entre eles, destaca-se a crescente desmotivação dos alunos em relação à aprendizagem, aspecto que será analisado ao longo deste estudo. No entanto, o escopo deste artigo não se limita a apontar dificuldades ou reforçar um cenário de crise. O objetivo também é discutir possíveis caminhos para transformar o contexto educacional atual da escola referida. É urgente repensarmos alternativas que fortaleçam o papel da educação como agente de mudança social, assim como acreditarmos que uma mudança neste panorama atual é possível.

A problemática encontrada deriva da experiência da autora como professora de geografia da Rede Municipal de Paraíso do Sul/RS, onde atua há 14 anos, o que possibilitou uma vivência direta das dinâmicas escolares e das demandas da escola no contexto educacional atual. Ao longo deste período, a autora identificou di-

versas necessidades e desafios enfrentados por estudantes, professores e famílias, despertando uma forte motivação para investigar aspectos referentes à motivação dos alunos pela aprendizagem. O propósito é compreender como é possível e se é possível promover um resgate do interesse dos alunos pela educação, pelo estudo e pelo conhecimento nesta escola da região.

Inserida na área rural de Paraíso do Sul, porém próxima da sede do município, a escola atende alunos oriundos tanto da sede urbana quanto da comunidade do entorno, o que são maioria. A coexistência desses diferentes contextos socioculturais torna a escola um espaço de realidades bastante heterogêneas. A escola atende alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental da Educação básica.

Logo se tem como problemática: por que, mesmo reconhecendo a importância da escola, muitos alunos do 6º ao 9º ano de uma escola pública de Paraíso do Sul/RS demonstram desmotivação em relação à aprendizagem.

Para responder à questão delineou-se como objetivo geral buscar compreender por que,

mesmo reconhecendo a importância da escola, muitos alunos do 6º ao 9º ano de uma escola pública de Paraíso do Sul/RS demonstram desmotivação em relação à aprendizagem. Trazendo como objetivos específicos identificar como os alunos percebem a escola e sua relação com a aprendizagem em Paraíso do Sul/RS, refletir sobre as práticas pedagógicas na escola referida e analisar de que forma os jovens da realidade estudada correlacionam os estudos à realização dos seus objetivos e sonhos.

A revisão bibliográfica, cuja base teórica foi construída a partir das contribuições de autores como Antonio Meneghetti e Tania Zagury, discute de forma crítica e real os desafios e as transformações na educação atual. A seleção dos autores foi orientada pela relevância das obras, buscando estabelecer um diálogo entre as reflexões desses autores e o conhecimento prático da autora deste trabalho.

A metodologia, utiliza-se de uma abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica, em que o levantamento de dados é a pesquisa-ação, com objetivo de investigar percepções de alunos dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública de Paraíso do Sul/RS. Essa combinação de métodos permite articular a análise teórica com a observação prática e a participação ativa da autora no contexto educacional.

A análise e discussão dos resultados, foram elaboradas a partir de dados coletados por meio de entrevistas realizadas com 6 alunos de uma escola municipal em Paraíso do Sul/RS, com o intuito de compreender as diferentes percepções e experiências frente à problemática estudada e com base na prática da autora na escola.

Na conclusão se destacam as principais reflexões obtidas ao longo da pesquisa, identificando

os principais fatores que interferem na falta de interesse dos alunos pela escola e pela aprendizagem, buscando compreender as causas e discutindo caminhos possíveis para o enfrentamento desta problemática atual da educação.

2 Educar em tempos de complexidade

No cenário atual da educação, marcado por profundas transformações sociais, tecnológicas e culturais, os professores enfrentam desafios cada vez mais complexos em seu cotidiano em sala de aula. Desmurget traz sobre essas transformações, principalmente tecnológicas, que “está na hora de pensar em um novo tipo de pedagogia que leve em conta as evoluções de nossa sociedade” (2023, p. 20).

Entre esses desafios, destaca-se um fenômeno extremamente preocupante: a crescente desmotivação dos alunos em relação ao conhecimento, à curiosidade e ao processo de aprendizagem. É cada vez mais comum observar estudantes apáticos, com pouca disposição para participar ativamente das aulas, questionar ou se envolver com os conteúdos propostos. São jovens, que na maioria das vezes, nem gostariam de estar na escola. Isso se deve ao fato dos ambientes escolares não serem convidativos, com currículo, estruturas e metodologias defasadas que não proporcionam aos alunos expressarem seus interesses. Assim, a escola se torna um espaço desestimulante (Niskier, 2024).

Em muitas situações, ao ingressar na sala de aula, o professor se depara com estudantes cansados, com sono, com baixíssima vontade de participar das atividades propostas. No contexto de sala de aula estudado, é comum que, ao conduzir uma discussão, realizar perguntas ou

propor discussões, o docente obtenha silêncio, dispersão ou mínima participação, gerando uma sensação de estar “dando aula para ninguém”.

Essa falta de engajamento acaba afetando o trabalho docente, exigindo do professor não apenas domínio do conteúdo e estratégias pedagógicas eficazes, mas também uma constante reflexão e compreensão de todas essas mudanças. Diante disso, propomos aqui um estudo do cenário da educação de Paraíso do Sul para que possamos sugerir possíveis caminhos para reverter esta realidade.

3 Um breve histórico da educação brasileira nas últimas décadas

O primeiro ponto a ser discutido aqui diz respeito a obrigatoriedade da educação básica no Brasil, estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9394/1996) que visa garantir o direito à aprendizagem, (Brasil, 1996). No entanto, embora a legislação determine que a frequência escolar seja um dever legal, o que se observa nas salas de aula é um crescente número de estudantes que se sentem obrigados a estar ali, sem motivação, sem entusiasmo e, muitas vezes, sem entender o sentido da escola em suas vidas. Essa aparente contradição entre “dever estar” e “querer estar” levanta uma série de questões importantes para educadores, famílias e gestores: por que tantos alunos não gostam mais de estudar? O que está falhando na proposta pedagógica, curricular ou institucional para que o espaço escolar seja visto por muitos apenas como uma exigência legal, e não como um lugar de descobertas, evolução e desenvolvimento?

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trouxe mudanças importantes na forma como as escolas deveriam organizar o ensino, avaliar os estudantes e compreender o próprio papel da educação. Em vez de focar apenas na transmissão de conteúdo, ela propõe uma formação mais integral, ou seja, um ensino mais voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades. A escola deixaria de se preocupar apenas com memorização e passaria a incluir, juntamente, o desenvolvimento de competências.

Porém, o que se observa é que as sucessivas mudanças realizadas nas políticas educacionais brasileiras, especialmente nas últimas décadas, não foram suficientes para garantir as melhorias necessárias, principalmente para os alunos da rede pública de ensino. As notícias que temos tido no que se refere a qualidade da educação no Brasil não são boas (Zagury, 2018).

Os dados apresentados pelo Pisa (sigla em inglês para o Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes) realizado em 2022 demonstram que a realidade educacional brasileira ainda está distante de resultados considerados satisfatórios. Ainda que o Brasil não tenha apresentado queda significativa em sua posição no ranking do Pisa, os resultados também demonstram que o país pouco avançou em termos de desempenho educacional ao longo das últimas décadas nas disciplinas avaliadas: matemática, ciências e leitura. Na edição analisada o Brasil ocupou a 65ª posição em matemática, a 52ª em leitura e a 62ª em ciências entre os países participantes da avaliação (G1, 2023).

Diante deste cenário, reforça-se a necessidade de repensar profundamente o sentido da escola, não apenas por meio de reformas estruturais ou ajustes curriculares, mas pela

implementação de uma experiência educativa que faça o aluno se perceber como participante de um processo vivo de formação, não como mero cumpridor de obrigações visto que o modelo educacional que efetivamente se concretiza no cotidiano das escolas tem demonstrado limitações quanto à promoção de resultados mais satisfatórios.

4 Corresponsabilidade na educação: o papel do aluno e de outros mediadores

Reconhecer os limites da ação pedagógica docente é um passo essencial para a prática da docência contemporânea. Nenhum professor por mais preparado e comprometido que seja, é capaz de garantir integralmente o desenvolvimento e a aprendizagem de todos os seus alunos, pois o processo de aprendizagem envolve múltiplos fatores que extrapolam a atuação do educador. Assim, torna-se fundamental que o professor desenvolva a consciência de que a sua função é de mediador, estimulador e orientador, mas que a consolidação da aprendizagem depende também do protagonismo, da responsabilidade e da autonomia do aluno. “É necessário ajudar a criança a saber ser *autônoma economicamente, autônoma psicologicamente e funcional socialmente*” (Meneghetti, 2014, p. 211). Essa compreensão favorece estratégias pedagógicas mais realistas, colaborativas e centradas na corresponsabilidade, fortalecendo a autonomia do aluno e promovendo um aprendizado mais significativo.

Mesmo as práticas pedagógicas mais qualificadas não garantem, por si só, que todos os estudantes aprendam da mesma maneira ou alcancem os mesmos resultados. A aprendizagem

envolve dimensões internas que pertencem a cada um, relacionadas ao esforço e envolvimento pessoal de cada aluno. O professor pode favorecer caminhos, despertar interesses e criar condições para a aprendizagem, mas não pode realizar milagres (Zagury, 2018).

Sem o desejo genuíno de aprender, o compromisso com os estudos e o esforço individual, não há método ou estratégia pedagógica que, por si só, seja capaz de gerar resultados significativos. A aprendizagem exige envolvimento mútuo, uma via de mão dupla entre professor e aluno, entre ensinar e aprender. Neste sentido, Meneghetti reforça que para a Pedagogia Ontopsicológica “o escopo prático é educar o sujeito a fazer e a saber a si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmo como pessoa líder no mundo, educar um Eu lógico histórico com capacidades e condutas vencedoras” (2014, p. 14). Assim, verifica-se que aprender está relacionado a desenvolver-se integralmente e que cabe ao aluno também a ação de “fazer acontecer” o processo.

Entretanto, reconhecer que a aprendizagem depende também do envolvimento pessoal do estudante não significa desconsiderar a importância do olhar crítico e sensível dos professores sobre a educação, refletindo continuamente acerca de sua prática e das necessidades dos alunos. Discussão esta que, devido à sua complexidade e amplitude, poderá ser aprofundada em estudos posteriores.

5 Metodologia

O presente artigo adota uma abordagem metodológica mista, utilizando-se de uma abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica, em

que o levantamento de dados é a pesquisa-ação, de modo a buscar uma compreensão sobre como as principais transformações ocorridas nos últimos anos no processo de ensino impactam o desinteresse dos alunos pela aprendizagem.

Foi utilizada a pesquisa bibliográfica, para fundamentar teoricamente a análise e resgatar o contexto histórico das principais mudanças educacionais, permitindo compreender a evolução das práticas pedagógicas e sua repercussão sobre o engajamento dos alunos. Conforme Gil (2010), este tipo de estudo é aquele desenvolvido através de material já elaborado como livros ou outros tipos de materiais impressos.

A pesquisa de levantamento, que caracteriza-se “pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer” (Gil, 2010, p. 35). Aqui, foi empregada por meio de questionários aplicados a alunos dos anos finais de uma escola em Paraíso do Sul/RS, com o objetivo de identificar percepções e fatores que influenciam o interesse ou desinteresse pela aprendizagem. Os questionários foram aplicados em formato impresso, contendo perguntas abertas, e entregues aos alunos para que pudessem respondê-los com tranquilidade, sendo posteriormente devolvidos no dia seguinte. Foram entrevistados 6 alunos, todos da mesma escola (alunos do 9º ano e 8º ano), com idade entre 13 e 15 anos.

As entrevistas realizadas com alunos foram analisadas de acordo com a análise de conteúdo, permitindo identificar categorias, padrões e contextos recorrentes nas falas dos participantes, sendo utilizados trechos das falas dos alunos. Essa abordagem possibilitou interpretar os dados de forma sistemática, relacionando-os aos objetivos da pesquisa e ao referencial teóri-

co, de modo a compreender melhor o contexto educacional e os desafios enfrentados no contexto da educação atual em Paraíso do Sul/RS.

Foram realizadas as seguintes perguntas aos alunos:

- 1) De 1 a 10, o quanto você gosta de vir para a escola? Por que?
- 2) Quando você está na escola, o que mais gosta de fazer?
- 3) O que você menos gosta de fazer na escola?
- 4) Você tem sonhos? Quais?
- 5) Como você se vê daqui a 20 anos? Já tinha pensado nisso?
- 6) O quanto você pensa que a escola vai te auxiliar para você atingir seus objetivos?
- 7) De 1 a 10, qual é a participação da sua família na escola e no acompanhamento da sua vida escolar?
- 8) Você já ouviu de alguém da sua família algum incentivo para seguir estudando com seriedade?
- 9) Você considera os jovens que você convive curiosos e querendo conhecer coisas novas?
- 10) Na sua opinião, qual são os principais problemas nas escolas hoje?
- 11) Algum professor seu já fez ou falou algo que fez muito sentido para você e possibilitou com que você tivesse um ganho através de uma mudança na forma de pensar ou compreender algo sobre você?

No que se refere à pesquisa ação, destaca-se que, além dos alunos entrevistados que participaram da discussão, a autora do artigo também atua como professora na escola citada há 14 anos, estando, portanto, imersa no ambiente escolar em que a pesquisa foi realizada. Essa

condição favoreceu uma aproximação natural com o contexto, permitindo uma compreensão mais profunda das percepções e experiências dos sujeitos envolvidos, além de contribuir para a coleta de dados mais fidedigna.

A pesquisa-ação tem o intuito de propor estratégias e encaminhamentos que possam contribuir para possíveis caminhos que busquem reverter essa situação. Gil (2010, p.42) traz que este tipo de pesquisa “procura diagnosticar um problema específico numa situação específica, com vistas a alcançar algum resultado prático”. Ao final desse estudo, buscou-se não apenas descrever e analisar o problema do crescente desinteresse dos alunos pela aprendizagem, mas, também, construir uma proposta inicial de soluções. Tal proposição, ainda que preliminar, pretende servir como subsídio para aprofundamentos sobre o tema.

6 Discussão e resultados

A partir da análise das entrevistas feitas com os alunos, observou-se que pelas falas trazidas, em sua maioria, eles demonstram pouco entusiasmo em relação ao fato de frequentarem a escola, principalmente no que se refere a aprendizagem. Apesar disso, reconhecem a importância da educação como base para a vida e para a construção de um futuro melhor, compreendendo que estudar é fundamental, conforme o aluno 3 que afirma que “mesmo não gostando de vir para a escola, sei que preciso vir para aprender”. O mesmo aluno afirma que compreende que “a escola ajuda em toda a nossa vida, auxiliando a realizar os objetivos”.

Torna-se pertinente refletir sobre essa contradição presente nas falas dos próprios alunos

que embora reconheçam a importância da escola e compreendam que a educação pode representar um caminho para a realização dos seus projetos, muitos apresentam resistência em aprender. Tal fato suscita questionamentos acerca das experiências educacionais que vêm sendo construídas no ambiente escolar dessa escola e do sentido que o conhecimento passado para eles tem assumido. Por que aprender, que é algo que deveria representar uma experiência marcada pela descoberta, pela curiosidade e pelo encantamento diante do conhecimento, deixa de ser interessante?

As crianças, naturalmente, demonstram interesse em explorar, questionar e compreender o mundo ao seu redor, trazem intrínseco em si essa curiosidade. Entretanto, o que se observa é que, ao longo do percurso escolar, muitos alunos parecem perder gradativamente essa disposição espontânea em aprender. Diante disso, surge a inquietação acerca do momento em que acontece essa ruptura, em que a curiosidade natural da infância passa, pouco a pouco, a ceder espaço ao desinteresse ao afastamento em relação a curiosidade em aprender.

Nesse aspecto, a autora considera que não há aprendizado verdadeiramente significativa sem que exista, ainda que em um primeiro momento, algum grau de curiosidade diante do conhecimento. É a curiosidade, é a novidade, que movimenta o aluno e o impulsiona em direção ao aprender. Do contrário, a escola não consegue ensinar, os professores se frustram e os alunos pouco aproveitam das aulas que recebem.

Isso fica evidente quando os entrevistados foram questionados se consideram os jovens que eles convivem curiosos e querendo conhecer coisas novas na questão 9, a maioria das res-

postas indicou que não, destacando que só uma pequena parcela dos jovens demonstra interesse genuíno pela aprendizagem. Conforme o aluno 5, “os jovens são curiosos sim, mas não por assuntos estudados na escola”. Esse dado reforça a percepção de que falta de curiosidade e de engajamento dos alunos tem se tornado um dos grandes desafios da educação. Nesse contexto, o papel do professor torna-se ainda mais relevante, uma vez que cabe a ele estabelecer pontes entre os conteúdos escolares e os interesses já existentes nos alunos. Quando o educador consegue relacionar o conhecimento formal às experiências cotidianas, às linguagens atuais e aos temas que despertam curiosidade nos alunos, ou até mesmo uma metodologia mais participativa, amplia-se a possibilidade da aprendizagem.

Quando questionados sobre o que mais gostam de fazer na escola conforme questão 2, destacam principalmente o momento de interação com os colegas e as conversas entre amigos. Conforme a aluna 1, o que mais gosta de fazer na escola é “conversar com minhas amigas” e o que menos gosta “é de estudar”, porém acrescenta que reconhece que “a escola é muito importante, pois sem ela eu não terei um futuro bom”. Por outro lado, as atividades relacionadas diretamente ao estudo e à aprendizagem aparecem entre aquelas de que menos gostam, revelando uma distância entre o valor atribuído à escola e o prazer em aprender. Verifica-se, quase que na maioria dos casos, nesta escola referida, que os alunos gostam de estar na escola, de interagir com os colegas, porém não gostam de estudar.

Tal aspecto revela um ponto importante de reflexão sobre quais fragilidades existem nas formas de ensinar atualmente que fazem com

que muitos alunos não consigam perceber sentido naquela aprendizagem. Fica evidente a necessidade de um olhar mais atento para as práticas conduzidas pelos professores no contexto escolar.

Essa falta de envolvimento dos alunos com o aprendizado pode estar relacionada a um sistema educacional, centrado na transmissão de conteúdos, que já não corresponde plenamente às características e necessidades da juventude atual com metodologias de ensino predominantemente tradicionais. O modelo educacional contemporâneo acaba limitando o desenvolvimento dos jovens ao submetê-los a processos de aprendizagem excessivamente passivos e centrados na reprodução de conhecimentos já estabelecidos. O estudante perde a possibilidade de desenvolver uma compreensão mais ampla e autônoma da realidade, sendo conduzido por uma estrutura de ensino que gera desinteresse e sensação de vazio (Meneghetti, 2014).

Outro ponto que pode ser discutido aqui e que fica evidenciado nas respostas dos alunos refere-se à falta de clareza quanto aos caminhos para alcançar seus objetivos. Quando questionados sobre seus sonhos e como se veem daqui vinte anos, a maioria se vê com uma vida boa, com casa própria, bem financeiramente. No entanto, embora demonstrem saber o que almejam, são imprecisos sobre o que é uma vida boa, o que significa estar bem financeiramente, demonstrando que não pensam muito sobre e também não conseguem estabelecer uma relação concreta entre esses desejos e as ações necessárias para alcançá-los o que evidencia uma possível falta de direção para realizar suas ambições. Sabe-se que a ambição significa é “qual ação específica quero. Por isso, não se trata de

uma ação qualquer, mas de uma ação especificada no concreto preciso individual” (Meneghetti 2013, p. 35).

Quando questionados também sobre quais seriam os principais problemas enfrentados pela escola atualmente conforme questão 10, os alunos apontaram, de forma quase unânime, a falta de interesse dos próprios estudantes como o fator mais preocupante, conforme o aluno 4 “falta muito interesse nos alunos em participar das aulas” e para o aluno 5 “isso depende muito do interesse dos alunos”, revelando uma consciência sobre a dificuldade de manter o envolvimento dos alunos nas aulas. Considerando este aspecto evidenciado, entende-se que o aluno necessita encontrar uma motivação e um sentido no que faz. Que o conhecimento descontextualizado e sem aproximação com a sua realidade não desperta entusiasmo, alegria e prazer, para isso ele precisa se sentir parte da escola construída por ele e para ele (Pacheco, 2015).

Através das vivências em sala de aula, é possível perceber, que alguns jovens desta escola demonstram uma significativa falta de curiosidade e de motivação para se desenvolver e se destacarem. Mais do que a ausência de direcionamento, observa-se, em muitos casos, uma dificuldade de visualizar possibilidades concretas de futuro, refletindo em um certo conformismo e distanciamento da ideia de protagonismo diante das possibilidades de liderança que o mundo atual oferece. Meneghetti traz um ponto de reflexão importante sobre, quando diz que “*à grandeza não se chega de modo automático, por lei biológica*”. Eu insisto muito sobre o fato do egoísmo vital, isto é, o que está construindo de grande para você, o que está fazendo para você?” (2022, p. 317).

Diante deste cenário, há uma crescente necessidade de propostas pedagógicas que estimulem os alunos a refletirem sobre a importância de se reconhecerem como sujeitos capazes e vencedores, valorizando suas potencialidades e que desperte neles a vontade de se construírem superiores. Essa proposta não consiste em substituir ou deixar em segundo plano os conteúdos específicos da matriz curricular, mas em integrá-los, sempre que possível, às questões relacionadas ao desenvolvimento pessoal do aluno.

Ao aproveitar temas, situações e interesses que emergem do cotidiano dos alunos, o professor pode estabelecer conexões entre os conteúdos e competências humanas como autonomia, responsabilidade, criatividade, entre outras e que estimule o aluno a querer ser mais. Não estamos no mundo por acidente, há em cada existência humana uma intenção que antecede o próprio nascimento. Por isso, não se pode contentar-se em seguir apenas o ciclo biológico (nascer, crescer e morrer). Há algo muito maior que nos convoca a sermos colaboradores com a grande obra mestra da vida (Meneghetti, 2019).

Assim, torna-se importante compreender que o desejo de construir mais de si mesmo e de buscar uma vida com maior sentido, realização e dignidade não deve permanecer apenas no campo teórico ou idealizado. Trata-se de um movimento que pode se concretizar por meio de escolhas, do esforço e da postura que cada indivíduo assume diante da própria existência. À medida de ele desenvolve suas potencialidades, amplia seus conhecimentos e se compromete com sua própria construção, passa a ocupar uma posição mais ativa e protagonista da sua própria vida. A vida, por sua vez, tende a responder de maneira proporcional ao movimento

realizado pelo indivíduo, abrindo possibilidades para aqueles que demonstram disposição em fazer-se superiores e não permanecer em uma postura passiva diante do mundo e de si mesmos (Meneghetti, 2022).

Desse modo, ao reconhecer que cada estudante é chamado a protagonizar a própria trajetória, reafirma-se a importância de práticas educativas que favoreçam a autonomia e a responsabilidade diante da construção do seu projeto de vida.

Como exemplo dessas práticas, pode-se citar o projeto do “Aluno Nota 10 em Geografia”, desenvolvido no âmbito da prática docente da autora ao longo dos anos, o qual se caracteriza como uma estratégia de reconhecimento de atitudes relacionadas ao comprometimento, à responsabilidade e à participação dos alunos durante as aulas de Geografia. Trata-se de uma proposta que não se orienta por lógicas competitivas ou classificatórias, mas por uma abordagem formativa de valorização de ações que contribuem para o desenvolvimento da responsabilidade e autonomia no aluno, que como consequência estimula a aprendizagem. Todos os alunos que cumprirem ao longo do trimestre orientações previamente estabelecidas como trazer o material para as aulas, realizar os trabalhos e tarefas escolares, manter o caderno organizado e completo, participar com responsabilidade e criatividade das atividades propostas, contribuir para manter na escola e durante as aulas um ambiente harmonioso e de respeito, garantir notas acima das médias nas avaliações, conquistarão o adesivo. O reconhecimento não tem um número máximo de alunos sendo que todos podem conquistá-lo desde que cumpram os combinados.

A análise dessa experiência indica que ações simples de reconhecimento simbólico podem exercer influência positiva sobre o engajamento dos alunos. Ao longo dos anos, na prática docente da autora, verifica-se que nem todos os alunos conquistam o adesivo do “Aluno nota 10 em Geografia” o que evidencia diferentes níveis de participação e comprometimento no cotidiano escolar. Contudo, isso não significa que se trate de uma proposta inacessível ou distante da realidade dos alunos, uma vez que sua obtenção é muito mais de natureza qualitativa do que quantitativa.

Ao considerar a dimensão qualitativa dessa proposta e o modo como ela se relaciona ao envolvimento dos estudantes com sua vida escolar, torna-se possível estabelecer uma articulação com outro aspecto importante identificado no contexto escolar, os sonhos e os projetos de vida dos jovens.

Uma vez que é possível identificar que são jovens que sonham e que reconhecem que a escola é um dos caminhos para auxiliá-los na concretização destes sonhos, o que fica evidente pelas considerações trazidas nas respostas, encontramos uma porta de entrada para mudanças na forma de conduzir as aulas. O uso de metodologias mais participativas e práticas seria uma dessas propostas viáveis.

Outro aspecto que emergiu de maneira significativa nos relatos trazidos pelos alunos refere-se à relação estabelecida entre professor aluno. Quando indagados se algum professor já fez ou falou algo que tivesse feito sentido para ele e que tenha possibilitado com que ele tivesse um ganho através de uma mudança na forma de pensar ou compreender algo sobre ele, conforme pergunta 11, a maioria afirmou

não ter vivenciado situações dessa natureza no ambiente escolar. O que desperta na autora a reflexão de que as abordagens de temas referentes ao desenvolvimento humano dos alunos não estão sendo eficazes, por mais que façam parte da prática dos docentes da escola referida.

A relação entre o professor e o aluno mostra-se elemento fundamental neste processo. A autora compreende que a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal do aluno não se sustentam apenas em metodologias pedagógicas, mas também da relação de respeito e confiança que se estabelece entre os envolvidos neste processo. Quando o estudante se sente acolhido, respeitado e compreendido, torna-se mais propenso a participar e envolver-se durante a aula favorecendo a abertura para o seu desenvolvimento.

Isso é verificado através da prática da docente que permitiu observar que os alunos não se comportam da mesma maneira diante de todos os professores. As turmas modificam sua postura, participação e envolvimento conforme as relações construídas em sala de aula, evidenciando que o vínculo estabelecido na relação com o professor é um ponto muito importante na escola. Tal constatação reforça a ideia de que ensinar ultrapassa o domínio técnico do conteúdo, envolvendo também a capacidade do professor de construir relações humanas significativas capazes de despertar interesse e confiança no aluno.

Com vistas à ampliação do engajamento dos alunos, à valorização de diferentes formas de aprendizagem e ao fortalecimento da relação entre professor e aluno, desenvolveu-se a proposta do “Desafio do Saber”, que ocorre anualmente na escola em destaque neste estudo, este ano ocorrerá sua 4ª edição. O “Desafio

do Saber”, compreendida como uma gincana pedagógica multidisciplinar envolve todos os estudantes da escola que são organizados em equipes compostas por alunos de diferentes turmas. Tal proposta contribui para a aproximação entre os indivíduos do processo educativo (alunos e professores) na medida em que desloca a aprendizagem do espaço exclusivamente formal da sala de aula para situações mais dinâmicas, interativas e participativas. A atividade em formato lúdico envolve conteúdos de todos os componentes curriculares, além de raciocínio lógico, criatividade, responsabilidade, conhecimentos gerais e atualidades na forma de perguntas, atividades e desafios a serem realizados.

Diante das discussões apresentadas ao longo deste trabalho, observa-se que a aprendizagem envolve múltiplas dimensões que ultrapassam a simples transmissão de conteúdos, abrangendo aspectos relacionados ao vínculo entre professor e aluno, ao reconhecimento do protagonismo do aluno e à construção de sentido para estar na escola e aprender. As práticas analisadas, como o adesivo do “Aluno Nota 10 em Geografia” e o “Desafio do Saber”, evidenciam que ações pedagógicas intencionais, podem contribuir para reforçar essas possibilidades.

8 Considerações finais

A análise realizada ao longo deste estudo evidencia que a educação contemporânea enfrenta desafios complexos e multifacetados, que não podem ser atribuídos a um único fator, nem tão pouco podem ser solucionados apenas por meio de reformas pontuais ou superficiais. O declínio do interesse dos alunos pela escola compõe um cenário que exige um olhar atento e

crítico. A partir da revisão bibliográfica, da análise das entrevistas e da experiência prática da autora, tornou-se possível identificar que esse fator ajuda a compreender a atual crise de sentido que atravessa a educação e como os alunos veem essa questão.

As falas dos estudantes revelam uma juventude que reconhece a importância da educação, mas que não encontra na estrutura escolar atual um ambiente capaz de dialogar com suas necessidades, inquietações e modos de ser. Em muitas situações, o prazer por aprender deu lugar ao cumprimento de tarefas, e a curiosidade, elemento central do processo de aprendizagem, cedeu espaço à apatia.

Essa realidade não é resultado apenas das transformações tecnológicas ou culturais, mas também da ausência de planejamentos e ações que dialoguem com as reais necessidades dos jovens na atualidade, que necessitam sentir-se autores do seu desenvolvimento, capaz de construir algo que faça sentido para eles. O conceito de aluno passivo já está ultrapassado e dá lugar a um modelo de aluno que quer encontrar sentido na sua jornada de aprendizagem (Niskier, 2024). Quando a família e a escola falham em despertar esta consciência, o jovem se vê sem direção, sem caminhos para realizar duas ambições e sem vínculo com o que se está aprendendo.

Torna-se impossível ignorar o fato de que os alunos continuam vindo para a escola diariamente, permanecendo neste espaço durante, ao menos, 4 horas por dia, 5 dias por semana. São horas significativas de convivência, experiências e formação que atravessam a vida deles. Há muitas possibilidades que podem ser construídas a partir dessa presença cotidiana dos alunos

no ambiente escolar. Se a escola ocupa um lugar tão constante na vida dos alunos, há muito que pode ser realizado a partir disso. Isso nos leva a repensar não apenas os conteúdos ensinados, mas principalmente os sentidos, vínculos e experiências que estão sendo produzidos dentro da escola.

Apesar dos desafios evidenciados ao longo desta reflexão, algumas experiências desenvolvidas na prática pedagógica da autora têm demonstrado que pequenas mudanças na forma de relacionar com os alunos e na condução das atividades trazem pequenas mudanças na postura dos alunos em aula. Mais do que mudanças estruturais imediatas, talvez um dos aspectos mais urgentes seja a necessidade de reconstruir a confiança na educação. Torna-se fundamental que tanto os alunos quanto os professores voltem a acreditar no sentido da escola, no valor do conhecimento e na possibilidade de desenvolvimento humano por meio da escola. Somente a partir dessa reconstrução de sentido, talvez, será possível transformar a escola em um espaço que ultrapasse a obrigatoriedade e volte a ser reconhecida como um ambiente que proporcione a ampliação das oportunidades e contribua para a transformação da realidade dos alunos.

Ainda que a escola não seja a única responsável pela solução dos problemas sociais, ela permanece como um espaço essencial de formação humana e de abertura para discussão referente às principais demandas atuais da sociedade.

Referências

DESMURGET, M. A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças. 1.ed. 4 reimp. São Paulo: Vestígio, 2023.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB nº 9.394/1996. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 12 maio 2026.

G1. Ranking da educação: Brasil está nas últimas posições no Pisa 2022; veja notas de 81 países em matemática, ciências e leitura. 5 dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/12/05/ranking-da-educacao-brasil-esta-nas-ultimas-posicoes-no-pisa-2022-veja-notas-de-81-paises-em-matematica-ciencias-e-leitura.ghtml>. Acesso em: 21/05/2026.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENEGHETTI, A. **Os jovens e a Ética Ôntica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Falando aos jovens II**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2019.

MENEGHETTI, Antonio. **Aos novos líderes do futuro**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2022.

NISKIER, C. Educação mais inteligente: como empoderar os professores, engajar os alunos e revolucionar a aprendizagem na era da Inteligência Artificial. São Paulo: Editora Gente, 2024.

PACHECO, J.; P, M.F. Escola da Ponte: uma escola pública em debate. São Paulo: Cortez, 2015.

ZAGURY, T. **Pensando educação com os pés no chão**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bicicleta Amarela, 2018.